

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA  
CENTRO DE HUMANIDADES DA PRAI  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

PROFESSORA: ERONIDES DA CÂMARA DONATO

DISCIPLINA: PRÁTICA DE ENSINO DO 1o. E 2o. GRAUS

ALUNO: MARIA ZULEIDE F. DA COSTA

RELATÓRIO DA PRÁTICA DE ENSINO  
DE 1o. E 2o. GRAUS

CAMPINA GRANDE, 08/05/96



Biblioteca Setorial do CDSA. Abril de 2024.

Sumé - PB

## S U M Á R I O

1a. PARTE: ESCOLA: QUAL A TURA CARA ?.....	02 pag.
2a. PARTE: A HISTÓRIA É RUIM, CHATA, UM SACO.....	10 pag.
3a. PARTE: EXPERIÊNCIAS: MOMENTOS DIFÍCIES, MAS VALIDOSOS.	18 pag.
2. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25 pag.
3. BIBLIOGRAFIA.....	28 pag.
4. ANEXOS.....	30 pag.

## INTRODUÇÃO

Neste trabalho pretendemos fazer no primeiro momento um esboço geral sobre a escola a qual escolhemos para trabalhar, desde o seu quadro estrutural até o quadro de formação de seu professorado e o índice global de aprovação, reprovação e evasão dos alunos. Para isso tentaremos mostrar as possíveis causas que levaram à esse resultado.

No segundo momento, pretendemos discutir as abordagens dos alunos e professores quanto a disciplina de História, enfocando as dificuldades de ambos, tanto no que diz respeito ao ensino como também a aprendizagem. Tentaremos também, apontar possíveis soluções ou estratégias para que o desempenho com relação a disciplina se dê de forma interativa, simultânea ou seja, que ambos ensinem e aprendam em conjunto.

Finalmente, proponho discutir minha ação ou atuação em sala de aula, ou seja, minhas primeiras experiências práticas com relação ao meu futuro papel, assim como uma avaliação a respeito das mesmas.

Em seguida, analisarei as observações das aulas no período anterior a minha ação em sala de aula, avaliando-as no sentido de ter contribuído ou não para essa experiência.

Sobre a prática na Escola Virginius da Gama e Melo, diríamos que o primeiro passo foi conhecer a escola em si e seu

corpo docente, através de uma visita. Depois, voltamos a escola e passamos a fazer uma pesquisa documental a cerca da mesma e do seu professorado. Em seguida, observamos as aulas nas turmas que iríamos trabalhar e, finalmente, passamos a registrar nossas aulas. (ver anexo no. 01).

## 1a. PARTE

### ESCOLA: QUAL A TUA CARA ?

Com base no que pesquisamos a respeito do quadro estrutural da Escola Escritor Virginius da Gama e Melo, constatamos que, apesar de tratar-se de uma escola de periferia, a mesma encontra-se em condições indispensáveis para o funcionamento. Isso quer dizer que em termos de condições infra-estruturais, a escola dispõe do suficiente, dentro do possível para fazer funcionar uma instituição.

é interessante observarmos que, se analisarmos o quadro físico da Escola Virginius da Gama e Melo, a formação do seu professorado o quadro geral de aprovação, reprovação e evasão, vamos chegar a conclusão de que o governo, de um modo geral, está mais preocupado em ampliar as condições físicas das escolas do que a qualidade do seu professorado, no que diz respeito à profissionalização.

Isso não implica dizer que uma escola não deve ter uma boa estrutura para contribuir na formação do seu alunado. Mas, o

que preocupa é que na maioria das vezes, o governo acaba valorizando mais a imagem estrutural do que seus profissionais. E no que se refere a uma instituição de ensino, o ideal é que escola e educadores fossem valorizados da mesma forma, o que em geral não ocorre.

QUADRO ESTRUTURAL DA ESCOLA  
VIRGINIUS DA GAMA E MELO

SALAS	MATERIAL PERMANENTE	RECURSOS DIDÁTICOS
10 de aulas	Bureau	Mapas
2 administrativas	Cadeiras	
7 banheiros	Carteiras	
1 almoxarifado	Quadro para giz	
Iluminação	Mimeógrafo	
Saneamento		
Água		
1 cantina		

Fonte: Dados coletados na pesquisa realizada em 01/03 a 05/04/96 na Escola Estadual de 1o. e 2o. Graus Escritor Virginius da Gama e Melo.

O Colégio Escritor Virginius da Gama e Melo dispõe de 8 professores de História, se reveesando nos três turnos oferecidos, só que, apenas 05 são formados em Licenciatura Plena em História. Os demais professores são graduados em outros cursos, como: Geografia, Ciências Sociais e Especialização em Psicologia, o que os coloca em áreas de conhecimentos próximos, mas que se distancia em termos de conteúdo, dificultando assim tanto o desempenho do professor como também do aluno.

O que foi constatado na Escola Virginius da Gama e Melo é que a maior parte do professorado se encontram qualificados, mas não estão atualizados para assumir a disciplina que leciona, já que trata-se extamente do curso em que ele não foi formado. Portanto, torna-se difícil tanto para quem vai produzir o conhecimento como para quem vai se enriquecer do mesmo.

Então, essa é uma questão que deixa muito a desejar e que merece ser questionada e avaliada. Como um profissional se qualifica numa área, numa disciplina e leciona outra? Será que o mesmo vai ter interesse e se preocupar em assumir um papel que não foi lhe reservado? Ou melhor, será que o mesmo está preparado para desempenhar uma função diferente da sua qualificação?

Portanto, o que se verifica é que há uma precariedade com relação a formação e função do professor das escolas públicas em geral, o que distancia de certa forma do seu papel, do seu ofício e de seu compromisso.

O principal responsável por essa precariedade e

desqualificação profissional nas escolas é o próprio governo Federal, Estadual e as Secretarias de Ensino, que não dão subsídios e não investem na qualidade do ensino público e na qualidade dos profissionais da educação.

De certa forma, o que percebemos é que o governo não parece preocupado com a qualidade do ensino no Brasil, afinal, de acordo com o sistema capitalista implantado na nossa sociedade, a educação é uma área que não tem retorno, no que se refere a investimento. E, como sabemos, o governo nesse caso está mais preocupado em setores que reverta este investimento, ou seja, que dê lucro, o que não é o caso da educação e do social como um todo. (SAVIANE, 1991 - M17).

Então, essa falta de incentivo e aperfeiçoamento aos professores por parte do governo acaba repercutindo nas escolas, e mais diretamente no aluno.

"Entretanto, o que se percebe é que atualmente o ensino público do país vive uma conjuntura de crise, que é proveniente de vários fatores, que vem desde as demandas sociais até mesmo a incapacidade intelectual e profissional, o que está levando os educadores a questionarem este fato e arquitetarem saídas para o mesmo". (NADAI, 1993 - 144).

Para isso é preciso que o governo incentive, apoie, colabore e se comprometa com o ensino no país, e tem que começar justamente pelos profissionais, no sentido de qualificá-los e remunerá-los dando aos mesmos a sua devida função e valor.



Para ilustrar o que dissemos acima, vejamos por exemplo a formação dos professores que lecionam a disciplina História na Escola Virginius da Gama e Melo no quadro abaixo.

QUADRO DA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES  
DA ESCOLA VIRGÍNIUS DA GAMA E MELO

Sexo do Profissional	Graduação	Pós-Graduação	Turno que leciona
Masculino	História	Incompleto	Tarde
		(Espec.)	
Feminino	Ciências	Especialização	Manhã e Tarde
	Sociais	em Psicologia	
	Geografia		
Feminino	História		Manhã
Feminino	Geografia		Manhã
Feminino	História		Noite
Feminino	Geografia		Noite
Feminino	História	Incompleto	Noite
		(Soc. Rural)	
Feminino	História		Tarde

Fonte: Dados coletados na pesquisa realizada em 01/03 a 05/04/96 na Escola Estadual de 1o. e 2o. Graus Escritor Virginius da Gama e Melo.

Quanto ao número de reprovação e evasão em 1995 foi muito grande no Colégio Virginius da Gama e Melo e, segundo membros da escola isso se deve a falta de professores, o que fez com que muitas turmas ficassem sem aulas quase a metade do ano. Isso ocorreu nas disciplinas de Português, Biologia e Física.

QUADRO GERAL DO NÚMERO DE APROVAÇÃO, REPROVAÇÃO E EVASÃO REFERENTE AO ANO LETIVO DE 1995.

ALUNOS MATRICULADOS	APROVADOS	REPROVADOS	DESISTENTES
ANO ANO DE 1995			
804			
Manhã	135	117	64
Tarde	95	96	90
Noite	129	53	187

QUADRO GERAL	APROVADOS	REPROVADOS	DESISTENTES
	359	266	341

Fonte: Dados coletados na pesquisa realizada em 01/03 a 05/04/96 na Escola Estadual de 10. e 20. Graus Escritor Virginius da Gama e Melo.

Mas o grande número de reprovação ocorreu nas disciplinas de Matemática, Português, Ciências e Geografia.

Outrossim, "a problemática é muito mais ampla e chega a ultrapassar os muros das escolas, pois, como sabemos, os profissionais são desvalorizados e de certa forma desqualificados. Mas, apesar de tudo o discurso da educação de boa qualidade continua, pois o que realmente falta neste país são escolas para todos e de boa qualidade. E o resultado de tudo isso é o grande percentual de analfabetos, evasão, repetência e reprovação que continua se alargando". (Mundo Jovem, abril, 96-3).

Então, esse é um problema muito sério e que requer muita atenção por parte do governo, uma vez que ele é o responsável diretamente pela má condição do ensino público atualmente.

Ao que se refere a evasão, repetência e reprovação, o professor também tem uma parcela de culpa, e este também tem muito o que mudar. Mas, para isso, é preciso parar, pensar e se auto-questionar. Por que tanta evasão, repetência e reprovação? Será que ele não tem também uma parcela de culpa nisso tudo? Será que o processo de avaliação se resume apenas em atribuir notas, aprovar e reprovar? Ou isso faz parte de um processo contínuo ?.

É necessário então, que os professores também mudem com relação a tudo isso e procure usar outros métodos para avaliar os seus alunos e tomem outros rumos, no sentido de colaborar para que a evasão, repetência e reprovação não se torne cada vez mais uma

constante nas escolas.

"É preciso vivenciar, cooperar, participar e atribuir notas de formas justas, fraterna e construtiva, pois, só assim é que os mesmos vão estar contribuindo para fazer crescer a escola e o aprendizado do seu alunado, afinal, a função do educador é ensinar e aprender". (Mundo Jovem, abril 96 -3).

Portanto, o resultado de toda essa controvérsia e desencontros entre compromisso do governo e compromisso do educador é o grande número de evasão, repetência e reprovação nas escolas públicas. Esse fato é bem visível e foi constatado na escola na qual estagiamos, onde o número total de reprovação e evasão foi maior do que o número de aprovação. Apesar de tentarem atribuir a culpa ao fracasso do aluno e, conseqüentemente do professor, isso não se justifica o ocorrido, quando sabemos que tudo isso faz parte de um processo e que nesse processo está inserido governo, instituição, professor e aluno, etc.

## 2ª. PARTE

### A HISTÓRIA É RUIM, CHATA, UM SACO

De acordo com o que pesquisamos e com as abordagens feitas pelos alunos a respeito da disciplina de História, percebemos que a maioria deles não gostam da disciplina, achando-a chata, cansativa e ultrapassada. "É ruim, porque lembra o passado e faz com que a gente durma nas aulas. Eu detesto a História Antiga, de um povo que não interessa mais, a gente não era nem nascido, nem meu pai, minha mãe, avô"... (Depoimento coletado na pesquisa).

É ruim, um saco, uma história velha, do que já se foi, do tempo do ronca, que não interessa mais estudar. Eu gosto da História de agora, do presente, do cotidiano" (Depoimento coletado na pesquisa).

A principal causa dessa antipatia para com a disciplina de História, segundo as abordagens dos alunos, é a forma como a mesma é ministrada e transmitida. Ou seja, critica-se a metodologia usada, trabalhada na passagem dos seus conteúdos, com métodos e técnicas ultrapassadas, tais como: cópias longas, discussões prontas e acabadas sem nenhuma participação da turma e

constantemente trabalhos. Formas portanto, bastante tradicionais e arcaicas de lecionar. "O problema é que a gente não tem livro e não tem dinheiro para comprar, e não recebemos textos, só cópia o tempo todo, cansa muito". (Depoimento coletado na pesquisa).

"As aulas são todas copiadas no quadro, gasta todo o tempo da aula só copiando. O professor só dá bom dia e pronto, vai logo copiando, não traz coisas novas, só passa trabalhos, toda aula é a mesma coisa". (Depoimento coletado na pesquisa).

Como tentativa de se mudar essa aula tradicional, segundo as constatações dos próprios alunos, seria procurar métodos e formas de ensinar História diferente, que a tornasse mais interessante. Nesse caso, seria mais agradável estudar História com técnicas e estratégias que despertassem no aluno o interesse pelo conteúdo, sem direcionar e impor. E as técnicas e estratégias mais viáveis seriam o uso de vídeos, dramatizações, cartazes, mapas, pesquisas orientadas e textos etc. "Que fosse ensinado diferente, que não fosse copiado, mas com mapas, cartazes, mandassem fazer pesquisas, fosse diferente, que estimulasse o aluno, que não fosse só copiar e explicar rapidamente, mas brincasse com a gente, desse exemplos que a gente conhece, uma História nossa e não do outro tempo". (Depoimento coletado na pesquisa).

Como sabemos, a História é também uma disciplina que permite formar indivíduos política e socialmente, mas, que apesar de tudo é difícil ensiná-la, principalmente quando não se dispõe

de material didático. Essa é uma das mais maiores dificuldades relatadas, tanto pelos alunos como pelos professores, no sentido de dificultar o ensino-aprendizagem. Isso torna-se mais visível e frequente quando trata-se de uma escola e de uma clientela carente financeiramente, onde o aluno não tem condições de xerocar pequenos textos, além da deficiência do básico, que é o giz e o papel. "A maior dificuldade é que não temos livros, não podemos comprar, então o que nos resta é copiar". (Depoimento coletado na pesquisa).

Outra dificuldade dos alunos com relação ao ensino-aprendizagem diz respeito a quantidade de conteúdo abordados, o que faz com que os mesmos se cansem e de certa forma não consigam entender o necessário. "O que seria mais proveitoso e rentável na verdade seria dá menos conteúdo e mais aprendizagem, discussão, interpretação, problematização". (NADAI, 1995-159).

Então é preciso urgentemente superar o modelo tradicional que se encontra implantado na nossa sociedade e nas instituições de ensino, já que o mesmo se encontra esgotado e saturado. Esse tipo de ensino não desperta nenhum interesse no aluno, pois o ensino de história está em crise justamente por conta dessa prática viciosa que ainda é uma constante nas escolas.

É necessário que se questione, se critique e que se inove em termos teóricos e metodológicos, ou seja, metodologia,

aprendizagem, conhecimento, teoria e prática, para que não torne a história tão distante da sua função, que é construir, criar, produzir e sobretudo questionar.

Quanto as abordagens dos professores com relação a disciplina história e ao plano de ensino deixaram muito a desejar e de certa forma foram contraditórias, ou seja, eles alegam que a elaboração do planejamento escolar é importante e fundamental, mas que eles não fazem, não cumprem por falta de tempo. "O planejamento se faz por área e pelo fato de todo mundo ser muito ocupado e devido as dificuldades que existem torna-se difícil a gente fazer um trabalho perfeito, ou pelo menos bom". (Depoimento coletado na pesquisa).

Esse é um problema que precisa ser questionado e reavaliado, já que o professor ao assumir uma disciplina tem o dever de apresentar um conjunto de decisões em relação a mesma. Contudo, o que se percebe é que os professores não cumprem o seu papel, ao contrário, eles rompem com uma das maiores responsabilidades e compromisso de um educador, que é elaborar o seu plano de ensino para que este possa lhe possibilitar um maior aproveitamento, em termos de organização de tempo, conteúdo e espaço.

"O planejamento é feito antes de começar o ano letivo e é feito por área, quando é feito, porque tem professores que acham que não precisam do mesmo, afinal ele não é exigido mesmo, dizem. Mas eu acho importante é uma maneira de podermos trabalhar mais



organizadamente e de forma mais responsável". (Depoimento coletado na pesquisa).

"Portanto, é imprescindível que o professor se dedique a atividade do planejamento, pois essa atividade vai dar ao professor informações a eficácia do seu trabalho e permite que seja aperfeiçoado e renovado, além de permitir que o mesmo se comunique com objetividade, tanto com seus alunos como com sua instituição". (ABREU, 1987- 15 - 16).

Segundo os professores entrevistados da Escola Virginius da Gama e Melo, a grande problemática das escolas públicas é a falta de materiais didáticos. Isso dificulta bastante o ensino-aprendizagem, deixando muito a desejar, já que o ideal seria vermos a história de forma criativa e participativa. "É muito difícil ensinar história sem recursos didáticos, a gente acaba não trabalhando como se deve, pois não temos meios, mecanismos e recursos para trabalhar eficientemente. Então não temos como renovar e isso dificulta tanto o nosso crescimento como profissional como também o desempenho do aluno". (Depoimento coletado na pesquisa).

"Não dispomos de materiais e recursos suficientes para se dar boas aulas de história. Mas se corresse o contrário, seria a disciplina mais agradável de se trabalhar, por que ela é uma coletânea de tudo, mas, de tudo depende". (Depoimento coletado na pesquisa).

Além desse obstáculo temos também a questão dos salários

e do descaso do governo para com a educação e com seus profissionais, que são como sabemos, os pilares ou bases de uma educação qualitativa. " As dificuldades são diversas como por exemplo a falta de compromisso do governo para com o ensino no país e o desrespeito pelo profissional na educação. E isso torna-se bem visível quando trata-se da remuneração dos professores". (Depoimento coletado na pesquisa).

"A principal dificuldade é a falta de compromisso para com o povo, o educando, o educado e o ser humano em geral. Sem falar no salário, que é uma miséria uma falta de respeito ao profissionalismo do indivíduo". (Depoimento coletado na pesquisa).

Todos esses fatores, segundo os professores de história da Escola Virgínius da Gama e Melo, vão influenciar no processo ensino-aprendizagem, que aos poucos vem se alargando e tomando proporções diversas, afetando diretamente os receptores, que são os alunos e em seguida, os professores.

Ao que parece, o governo não quer ver sua nação culta, inteligente e educada, pois gente culta e inteligente, é gente que sabe sobre os seus direitos e deveres. Portanto, é gente que sabe reivindicar, cobrar, criticar e buscar os mesmos.

É super interessante buscar superar a prática tradicional de se ensinar, mas na maioria das vezes, acabamos fazendo algo que não defendemos. E são justamente esses métodos tradicionais que fazem a História se tornar e se transformar numa disciplina arcaica, chata, cansativa.

Apesar da falta de material didático, descompromisso do governo e demais dificuldades registradas pelos professores, é preciso saber que existem outras formas e possibilidades de se ensinar História. Mas, para isso é necessário que o próprio professor inove através de pressupostos teórico metodológicos, ou seja, que faça com que o aluno raciocine, investigue, analise, não generalize e sobretudo, critique a História, no sentido de enriquecê-la.

Para isso é preciso muita experiência, compromisso e amor a profissão, afinal, existem inúmeras possibilidades de se trabalhar mais positivamente sua função, já que "o campo histórico se alargou, o que trouxe inúmeras formas de se problematizar e interpretar a história através das novas abordagens". (NADAI, 1993 - 159).

"O importante nesse caso seria trabalhar a história juntamente com o seu método evitando ao máximo quantidades, já que o que nos interessa é qualidade, o que daria mais espaço para maiores reflexões. Para isso é preciso que haja uma maior interação entre aluno e professor, afinal são estes os sujeitos da história e os agentes integrantes do movimento social, enquanto educando e educado". (NADAI, 1993-160).

É interessante também buscar a utilização de fontes variadas, que dê possibilidades de resgatar inúmeros discursos e diálogos diferentes, seja como forma de complementar ou divergir a respeito do assunto referido. Sendo assim, torna-se mais frequente

a participação, o crescimento e o resgate de vários conhecimentos, pois esse é o papel do professor: criticar o que vê, criticar o que lê e o que produzir, uma vez que a história é algo que nos ajuda a compreender os outros, a sociedade e a si mesmo. (NADAI, 1973 -163)

Como sabemos, existe uma distância substancial entre "o professor real e o professor ideal," mas , o que se constata, principalmente diante do que observamos na Escola Virginius da Gama e Melo é que há maior probabilidade para a predominância de profissionais reais. Ou seja, aquele que, usando de argumentos de falta de material didático, descompromisso do governo e mau remuneração se colocam na posição de historiadores tradicionais, onde não se dá ao trabalho de se questionarem profissionalmente. (VILLALTA, 1993-223).

Isso nos dar a entender que a realidade é bem diferente do que se prega nos discursos, e isso se constata nos próprios planejamentos dos professores, quando os mesmos fazem . Pois, apesar deles prepararem ou escreverem o que vão fazer, ou seja, se proporem a fazer, na realidade e na prática ocorre o contrário.

O resultado é que acabam praticando e divulgando a mesma História, sem nenhuma reflexão, principalmente em relação a sua cronologia, linearidade dos seus conteúdos e conceitos. Essa é a maneira pela qual não leva o aluno a participar ativamente na sala de aula, tornando o ensino precário e de certa forma pronto e acabado.

Então, o que se conclui é que o professor real é resultado de uma série de fatores, como: salários baixos, acúmulo de trabalho, exaustão, ausência de recursos didáticos, desrespeito para com o profissional de educação e sobretudo a falta de profissionalismo do educador. Isso implica dizer que não se pratica a profissão mais com amor e convicção, com compromisso e seriedade atualmente. E o resultado está aí, bem presente nas escolas públicas de um modo geral, com um ensino absolutamente pobre, sem qualidade e com profissionais descomprometidos com o seu papel.

### **3a. PARTE :** **EXPERIÊNCIAS : MOMENTOS DIFÍCIES** **MAS VALIOSOS .**

Diante das observações feitas a nível de 1o. e 2o. Graus, diríamos que de certa forma foram válidas para avaliarmos como se encontra o ensino atualmente no país e o próprio papel do professor.

Observamos dois tipos de aula: Uma super tradicional, com métodos e metodologia arcaicas, o que não leva o aluno a nenhuma participação e ao desempenho do seu aprendizado. Aulas desse tipo nos leva a entender e a concluir que a maioria dos professores dessa instituição estão desestimulados com o processo

ensino-aprendizagem, com o desenvolvimento do aluno enquanto educando e principalmente na possibilidade de se reverter esse quadro. E o que é pior, que depende estritamente dele o interesse e o desempenho do aluno para com a disciplina História. E foram exatamente aulas desse tipo que os alunos contestaram e avaliaram como improdutivas, colocando para as mesmas possíveis soluções ou possibilidades de se melhorar.

Mas, com relação ao outro tipo de aula observada, diria que foram bastante construtivas e nos serviu para reconhecer que ainda existe na escola pública professores comprometidos com o seu papel e capacitados para desempenhar sua função. E, para que isso ocorra na prática, estes professores dão o máximo de si e fazem de tudo para que as aulas tornem-se produtivas, interativas e participativas. Apesar da pobreza de material didático, esses inovam da forma como podem e são oferecidas as condições, desde que o objetivo seja para ajudar o aluno a ter um melhor aproveitamento do ensino-aprendizagem.

Nestas aulas, porém, foi possível constatar a participação, o debate, a discussão e o movimento da turma, o que tornou as aulas super interessantes, descontraídas e construtivas.

Com relação as demais observações, diria que as mesmas deixaram muito a desejar, já que se trata de aulas super tradicionais, com leituras cansativas, cópias longas, questionário e explanação rápida, vaga e abstrata sobre o conteúdo. Essas aulas não possibilitaram interesse, participação e questionamento da

turma, pois a maioria ocupava neste momento o tempo com outras tarefas como: lê revistas, conversar, etc, o que fazia com que o aluno se distraísse com outras coisas e o professor falasse sozinho na sala de aula.

Aulas como estas ocorreram constantemente, o que serviu para reforçar o tradicional modelo e curriculum escolar, com visões super estreitas, prontas e acabadas a cerca da Historia.

Quanto a nossa atuação na sala de aula ou seja, o momento em que passamos a ministrar as aulas, diria que foi o momento mais crucial e sacrificante do meu curso, ou melhor, da minha vida.

1a. Aula: Ocorreu no dia 16/04/96 e foi trabalhado o tema: "A importância do café no Segundo Reinado". Foi expositiva-dialogada, com utilização de cartazes, mapas, textos e quadro para giz. Estava muito nervosa, mas consegui levar a aula até o fim: Exercício mimeografado (ver anexo no. 7).

2a. Aula: Ocorreu no dia 16/04/96, com o tema: "A Reforma Religiosa". Aula expositiva dialogada com os seguintes recursos didáticos: mapas, quadro para giz e textos. Também estava nervosa, mas saiu. Avaliação: Exercício mimeografado (ver anexo no.08).

3a. Aula: Ocorreu no dia 23/04/96, e foi trabalhado a "Reforma Religiosa" (8a. B), com exposição, leitura de textos e explicação

de forma dialogada. E os recursos utilizados foram: mapas, textos e quadro para giz. Os alunos participaram, mas me senti bem melhor. Avaliação: exercício em sala de aula. (ver anexo no.09)

43a. Aula: Ocorreu no dia 23/04/96, com o tema: "A Contra-Reforma" (8a. A). Foi expositiva-dialogada com utilização de mapa, textos e quadro para giz. Avaliação: trabalhou-se uma cruzada a partir do tema gerador. CONTRA-REFORMA. Foi uma aula bastante participativa, a turma contribuiu muito para que a aula ocorresse de forma interativa. (ver anexo no. 10)

5a. Aula: Ocorreu no dia 23/04/96, onde trabalhamos o tema: "O Ensino no Período Imperial", através de métodos dialogados, utilização de texto e quadro para giz e aplicação de um exercício mimeografado. A turma chegou a participar, não todos, mas já começava a me sentir mais segura. (ver anexo no.11)

6a. Aula: Ministrada no dia 29/04/96, onde trabalhamos "A Contra-Reforma" e foi uma aula expositiva-dialogada com utilização de textos, mapa e quadro para giz. No final aplicou-se uma avaliação através de questões para reflexão, e alguns contribuíram e participaram. (ver anexo no.12)

7a. Aula: Foi ministrada no dia 26/03/96 e era minha 1a. aula no 2o. Grau com o 1o. Científico. Discutimos a "Mão-de-Obra utilizada



na Pb no século XVII". Foi dramática, pois estava bastante nervosa e um pouco insegura, mas a turma entendeu. Utilizamos mapa, quadro para giz e texto. (ver anexo no. 13).

8a. Aula: Ocorreu no dia 29/04/96 e trabalhamos a "Propriedade na Capitania da Pb no século XVII". Foi uma aula dialogada, com participação da turma. Nessa aula, me senti mais segura e mais confiante, e consegui de certa forma controlar a turma e o nervosismo. Utilizamos mapa, quadro para giz, texto e cartazes. (ver anexo no. 14)

9a. Aula: Ocorreu no dia 29/04/96 e trabalhei numa avaliação através de um painel com o tema gerador: "PROPRIEDADE". A turma contribuiu bastante, participou do começo ao fim e utilizamos quadro para giz, texto e o painel. (ver anexo no. 15).

10a. Aula: Ministrei no dia 30/04/96 com o tema: "A Igreja no Período da Capitania Pb no Século XVII", onde ocorreu de forma dialogada e com utilização de texto e quadro para giz. Também houve participação e interesse do aluno, e me senti mais segura diante do conteúdo e controle de turma. (ver anexo no. 16).

11a. Aula: Ocorreu no dia 30/04/96 e foi trabalhado uma avaliação em forma de uma cruzada com o tema gerador: "IGREJA". A turma participou e atendeu as minhas expectativas, respondendo as

questões. Utilizamos quadro para giz e texto (ver anexo no. 17).

12ª. Aula: Tratava-se da última aula do nosso estágio e foi uma aula de revisão, onde discutimos as "Bases da Sociedade Paraibana no Século XVII". Foi bastante interativa, houve um bom entrosamento entre alunos e professor, onde eles aproveitaram para tirar algumas dúvidas, simples, o que deu para eu responder. Utilizamos quadro para giz, texto, etc. (ver anexo no. 18).

Foram momentos extremamente difíceis, uma vez que não tínhamos nenhuma experiência anterior em sala de aula, com 20, 30 ou mais alunos, totalmente desconhecidos e inquietos e, ainda por cima, sendo observada e avaliada pelo professor-orientador e pelo professor titular da disciplina.

Então, quando se leva em conta tudo isso, fica difícil controlar tudo nesse momento, desde nervosismo até turma, metodologia, conteúdo, etc.; até porque, de um modo geral, não somos formados basicamente para a prática. Portanto, a falta de experiência, o tempo mínimo que dispomos e o nervosismo contribuiu para que nosso trabalho não saísse perfeito, ou seja, inovador e construtivo, o que seria ideal, e é o que exigem nossos orientadores.

É preciso ressaltar e compreender que, durante todo o curso, foram poucos os professores que se proporem, em termos de ação, a nos ajudarem a buscar saídas para as nossas dificuldades.

Ou seja, que em termos de prática e experiência fizessem com que o aluno superassem suas deficiências, que foram provenientes do 2o. Grau mal feito, e que ao chegarem á Universidade, o objetivo é superá-las, onde na maioria das vezes isso não é possível.

Outra coisa que contribuiu muito para que nossa atuação na prática não saísse melhor, é que na realidade somos formados mais para a teoria do que para a prática em si. A vivência com a prática é muito limitada e insuficiente para formar futuros profissionais do 1o. e 2o. Graus, tendo em vista de que contamos com um período de 4 meses para fazermos pesquisas, observações e ministrar aulas, sem falar das interrupções que ocorrem e que não estão previstas no curto espaço de tempo que nos dispõe.

Seria ideal se o curso de história e os demais cursos de Licenciatura preparassem o aluno mais adequadamente para a prática de ensino, uma vez que é da prática que vamos precisar ao sair da Universidade.

Então, é necessário que os cursos de História se preocupem e se organizem com relação a nossa formação, afinal, nossa pobreza e deficiência prática é proveniente de um processo anterior. Contudo, se não procurarmos solucioná-lo ou superá-lo iremos acabar reforçando no momento de ministrar nossas aulas. Isso não implica dizer que devemos abominar a teoria, pelo contrário, ambas devem caminhar juntas, desde que uma não se sacrifique pela outra.

Quanto ao nosso desempenho durante o período que

ministramos as aulas, diria que foi num primeiro momento, insatisfatório, justamente por conta de uma série de fatores que já os mencionamos acima.

Mas, levando-se em consideração a nossa inexperiência e se comparadas a algumas aulas que observamos, diria que não foram tão negativas assim, pelo menos, em termos de metodologia, pois em termos de conteúdos, realmente não foi suficiente.

Espero, que logo consiga superar minhas deficiências, o que só ocorrerá quando estiver praticando consecutivamente.

Apesar de tudo, foi uma experiência gratificante, mas, sofrida, pois a gente só aprende vivenciando, praticando, e não é o período de 15, 20 ou 30 dias que vai avaliar sua capacidade ou incapacidade, já que a mesma também faz parte de um processo contínuo e reelaborado.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo que foi coletado a cerca da Escola Escritor Virginius da Gama e Melo, constatamos que estruturalmente a mesma se encontra em condições indispensáveis de funcionamento.

É uma lástima que as mesmas condições indispensáveis não estejam também atribuídas a formação de seus profissionais, pois verificamos que os mesmos não estão devidamente qualificados para assumir a sua função e papel, os distanciando assim da condição

elementar do ensino-aprendizagem.

Quanto as dificuldades emitidas no sentido de dificultar esse ensino-aprendizagem várias foram constatadas, tais como: falta de material didático, baixa remuneração, desrespeito aos profissionais de educação, metodologia e técnicas tradicionais, etc. E para amenizar esse quadro caótico, seria necessário tratar a educação com mais seriedade e compromisso, incluindo nesta conjuntura governo, profissionais e alunos. Do contrário, o problema não terá condições de ser resolvido, já que tomou rumo e proporções inversas, pois o grande número de reprovação e evasão é a prova de que o problema educacional brasileiro atualmente é muito sério e requer soluções urgentíssimas.

As observações realizadas na Escola Virgínius da Gama e Melo, detectaram que métodos tradicionais ainda é uma constante nas escolas, levando os alunos a não despertarem qualquer tipo de interesse pela disciplina.

Nossa experiência em sala de aula foi muito importante, pois nos ajudou bastante a despertarmos para a realidade de uma Escola e para o dever e compromisso de um professor inserido no contexto educacional brasileiro.

No primeiro momento sentimos vontade de desistirmos do nosso papel, pois a realidade é bem diferente e, a gente que não teve antes nenhum contato com dia-a-dia de uma Escola e com a verdadeira responsabilidade de um professor, acaba se conflitando, se desencotrando.

Ass, tomando consciência do nosso compromisso, resolvemos encarar a realidade de frente, e com o passar do tempo fomos nos acostumando ao processo funcional da sala de aula.

O resultado não foi tão satisfatório, quanto esperávamos mas contribuiu bastante para analisarmos nossas deficiências e procurarmos, através da prática diária minimizar as mesmas.

Para que se faça um estágio com todos os seus requisitos, é imprescindível que seja efetuado por etapa, pois o mesmo requer organização de tempo, espaço e idéias. E foi justamente essa falta de organização que fez com que nosso estágio não se completasse na sua plenitude e não atendesse as exigências dos nossos orientadores.

Contudo, valeu o esforço e a certeza de continuar lutando no sentido de procurar meios e conhecimentos necessários para se tornar um profissional e ao mesmo tempo um contínuo estudante.

## BIBLIOGRAFIA

- 01) ABREU, Maria Célia de. MARCETTO, Marcos. 6a. Edição, São Paulo. O Professor Universitário em Sala de Aula: Prática e Princípios Teóricos. 6a. Edição, São Paulo, MG. Ed. Associados, 1987. cap. 2, 3 e 7.
- 02) ARAÚJO, Autoracy. Descobrimento de início da libertação. In. História do Brasil: Formação do Povo Brasileiro. vol. I, 27a. edição, Atica, São Paulo, 1986.
- 03) BRESCIAMI, Maria Stela. (Org.). Jogos da Política: Imagens, Representações e Práticas. Ampuh, São Paulo. Marco Zero, Fapesp, 1992
- 04) CANTELLG, Bruna. Analisando o Passado, Refletindo o Presente. In. \_\_\_ História Dinâmica do Brasil. 6a. série IBEP, São Paulo, 1993.
- 05) CANTELLG, A Bruna. Analisando o Passado, Refletindo o Presente. In. \_\_\_ História Dinâmica: Moderna e Contemporânea. 8a. Série IBEP, São Paulo, 1993.
- 06) MUNDO JOVEM. Evasão: Reflexão. Abril, 1993. p. 3.
- 07) NADAI, Elza. O Ensino de História no Brasil: Trajetória e Perspectiva. In. \_\_\_ Memória, História e Historiografia. Revista Brasileira de História 25/26. Ampuh. São Paulo, Marco Zero, 1993.
- 08) OCTAVIO, José. A Paraíba, das Origens à Urbanização. Editora Universitária, UFPb, FUNAPE, 1983.
- 09) SAVJANI, Dermeval. A Educação Pública na Conjuntura Atual. In. \_\_\_ Educação e Questões da Atualidade. São Paulo, Livros do Tatú/Cortex, 1991.

- 10) VICENTINO, Cláudio. Brasil Imperial e Republicano. In. \_\_\_\_ História: memória viva, 6a. série, 2a. edição, Scipione, São Paulo, 1994.
- 11) VICENTINO, Cláudio. Idade Moderna e Contemporânea. In. \_\_\_\_ História: memória viva, 8a. série, 2a. edição, Scipione, São Paulo, 1994.
- 12) VILLALTA, Luis Carlos. Dilemas da Relação Teoria e Prática na Formação de História: Alternativas em Perspectivas. In. \_\_\_\_ Memória, História e Historiografia. Dossiê - Ensino de História. Revista Brasileira de História. 25/ 26, São Paulo, vol. 13, set./agosto, 1993.
- 13) VILELA, Maria Januária. Os Povos Indígenas. In. \_\_\_\_ História do Brasil. vol. I, 35a. edição, Ática, São Paulo, 1991.



## A N E X O S

- No. 01: Plano de Atividade
- No. 02: Calendário Escolar
- No. 03: Plano de Ensino
- No. 04: Aula Experimental (Universidade)
- No. 05: Aula Experimental (Universidade)
- No. 06: As Observações das Aulas
- No. 07: A Importância do Café no Segundo Reinado (6a. A)
- No. 08: A Reforma Religiosa ( 8a. A)
- No. 09: A Reforma Religiosa (8a. B)
- No. 10: A Contra-Reforma (8a. A)
- No. 11: O Ensino no Período Colonial (6a. A)
- No. 12: A Contra-Reforma (8a. B)
- No. 13: A Mão-de-Obra Utilizada na Pb no Sec. XVII
- No. 14: A Propriedade na Capitania Pb - Sec. XVII  
(Exposição)
- No. 15: A Propriedade na Capitania Pb - Sec. XVII  
(Exercício)
- No. 16: A Igreja no Período da Capitania Pb - Sec. XVII  
(Exposição)
- No. 17: A Igreja no Período da Capitania Pb - Sec. XVII  
(Exercício)
- No. 18: As Bases da Sociedade Paraibana no Sec. XVII  
(Revisão).

UNIVERSIDADE FEDERALDA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES DA PRAI  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRÁFIA

DISCIPLINA: Prática de Ensino de 1.º e 2.º graus

PROFESSORA: Erônides Câmara Donato

ALUNA: Maria Zuleide Fernandes da Costa

**PLANO DE ATIVIDADES DA PRÁTICA DO ENSINO**

CAMPINA GRANDE 12/05/96

## JUSTIFICATIVA

A finalidade deste plano é fazer com que possamos conhecer mais de perto a realidade da escola pública atual e como se procede o ensino de história, antes de ministrar nossas aulas.

## OBJETIVO GERAL

É engajarmos na escola onde vamos estagiar, conhecer seu cotidiano e ficar ciente do papel do magistério.

## OBJETIVOS ESPECÍFICOS

São caminhos que nos levarão a conhecer a realidade dessa escola, como por exemplo:

- fazer contato com escola a qual vamos estagiar;
- pesquisar sobre sua fundação;
- fazer um levantamento dos recursos didáticos utilizados pelos professores em sala de aula;
- conhecer o calendário da escola e o plano de curso dos professores;
- conhecer o ensino de história e sua importância para alunos e professores do 1.º e 2.º graus;
- observar as aulas dos professores e seu método de ensino;
- verificar as possíveis dificuldades de alunos e professores sobre o ensino de história.

## METODOLOGIA E TÉCNICAS DE PESQUISA

Esta pesquisa será realizada através de uma visita a escola, conhecendo diretores e professores, participando do planejamento da escola, mapeando e fazendo uma pesquisa documental acerca da escola, dos seus recursos didáticos, etc., dirigindo questionários a professores, alunos e observando as aulas.

## PLANO DE AÇÃO

Conhecendo todas essas informações e o conteúdo programático que será utilizado pelos professores no plano de curso, passaremos então a ministrar nossas aulas.

## QUESTIONÁRIO

### **PROFESSORES:**

- 1) Como se dá o processo de planejamento das aulas na sua escola?
- 2) A escola Escritor Virgínius da Gama e Melo dispõe de materiais didáticos?  
 sim  não
- 3) E como você ministra as aulas de história?
- 4) Como você vê o processo de ensino-aprendizagem de história?
- 5) O ensino de história é importante para os alunos de 1.º e 2.º graus?  
 sim  não  
por que?
- 6) Qual a sua metodologia ou técnica de ensino utilizada para o ensino de história?
- 7) É difícil ensinar história?  
 sim  não
- 8) Quais as principais dificuldades encontradas nesta área, no sentido de dificultar o ensino  
aprendizado?
- 9) Você acha que deveria ser feito algo para melhorar o ensino aprendido nesta área?  
 sim  não

### **ALUNOS:**

- 1) O que vocês acham da disciplina de história? Por que?
- 2) Quais as dificuldades que vocês sentem em relação a essa disciplina história?
- 3) Como são ministradas as aulas de história?
- 4) Como vocês gostariam que fosse ensinado história?
- 5) É importante estudar história  
 sim  não  
Por que?

# CALENDÁRIO ESCOLAR

ANO LETIVO - 1996

MESES	DIAS	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	DIAS LETIVOS				
JANEIRO			F	F	F	F			F	F	F	F	F			F	F	F	F	F			F	F	F	F	F			F	F	PM	-				
FEVEREIRO		M	M			M	M	M	M	M			M	M	M	OM	OM			C	C		PA	PA			PD	PD	PD	PD	X	X	-				
MARÇO		I1																									/						21				
ABRIL																										T1	I2						X	21			
MAIO																																		21			
JUNHO																						T2				F	F	F	F				X	14			
JULHO		F	F	F	F	F				I3																								17			
AGOSTO																																			20		
SETEMBRO																						T3		I4										X	21		
OUTUBRO																																			21		
NOVEMBRO																																			X	20	
DEZEMBRO														T4			PF	PF	PF	PF	PF			F	F		F	F		F	F				10		
		TOTAL DE DIAS LETIVOS																																			186

PM PLANEJAMENTO DE MATRÍCULA  
OM ORGANIZAÇÃO DE MATRÍCULA

M MATRÍCULA

PA PLANEJAMENTO ADMINISTRATIVO

PD PLANEJAMENTO DIDÁTICO

IA INICIO DAS AULAS DO BIMESTRE

T TÉRMINO DE BIMESTRE

SÁBADO, DOMINGO, FERIADO SANTIFICADO

PF PROVA FINAL

F FERIAS-Exceto para os professores que não concluíram o ano escolar de 1995

□ DIA LETIVO

X DIA INEXISTENTE NO MÊS

1º BIMESTRE 38 DIAS

2º BIMESTRE 39 DIAS

3º BIMESTRE 52 DIAS

4º BIMESTRE 57 DIAS

TOTAL 186 DIAS

FÉRIAS DOCENTES E DISCENTES

1995/96 30 DIAS

1996/97 16 DIAS

DEZEN 11 DIAS

TOTAL 57 DIAS

2000

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES DA PRAI  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA  
DISCIPLINA: PRÁTICA DE ENSINO DE 1.º E 2.º GRAUS  
PROFESSORA: ERONIDES DA CÂMARA DONATO  
ALUNA: MARIA ZULEIDE FERNANDES DA COSTA

## **PLANO DE CURSO**

### **6.ª SÉRIE**

CAMPINA GRANDE, 16/04/96

## PLANO DE ENSINO

### Objetivo geral:

Levar ao conhecimento do aluno o processo histórico que compreende o período imperial até a implantação da República

### O primeiro Reinado

- \* As lutas pela independência
- \* O reconhecimento da nossa independência
- \* A organização política do Estado
- \* O declínio do Primeiro Reinado
  
- \* As Regências
- \* As rebeliões regionais
  
- \* O nosso produto: Café
- \* O início da industrialização
- \* O problema da mão-de-obra

### Objetivos Específicos:

- .Fazer com que o aluno conheça e compreenda como se deu o processo de independência do Brasil frente a Portugal.
- .Compreender a manutenção da estrutura sócio-econômica interna;
- .Conhecer as correntes políticas regenciais e suas razões sócio-econômica e política;
- .Reconhecer a importância do café durante a metade do século XIX.
- .Avaliar a problemática da mão-de-obra neste período.

### A POLÍTICA NO SEGUNDO REINADO

- \* A política interna e externa
- \* A campanha Abolicionista
- \* O manifesto Republicano
- \* A questão Religiosa e militar
- \* A Proclamação da República

### Objetivos Específicos:

.Compreender as diferentes forças políticas do período, a estrutura do parlamentarismo, os conflitos com os países platinos e a política externa Brasileira;

.Reconhecer a decadência do segundo Reinado e as causas que impossibilitaram a manutenção da base econômica;

.Analisar o processo republicano, o domínio militar, os conflitos do período e a consolidação da República.

METODOLOGIA: As aulas serão ministradas através de aulas expositiva; expositiva-dialogada; leitura de textos; elaboração de textos com apresentação e de trabalhos com apresentação; trabalhos individuais e em grupos com acompanhamento do professor; interpretação de textos e de filmes e dramatizações de notícia etc.

### RECURSOS DIDÁTICOS UTILIZADOS:

Os recursos utilizados para as aulas serão textos, quadro para gis, livros, jornais, vídeos, mapas, cartazes e revistas.

Avaliação: O aluno será avaliado continuamente, através do seu desempenho, participação e interesse em sala de aula. Será avaliado também pela qualidade das atividades propostas para cada aula ou conteúdo.



## Os povos brasileiros (do descobrimento à colonização)

Vocês já aprenderam que o Brasil foi descoberto no de 22 de abril de 1500 por Pedro Álvares Cabral, não foi? Mas, isso não quer dizer que os portugueses foram nossos primeiros habitantes, pois na época do descobrimento do Brasil o nosso território já era povoado por outros povos, que são os índios, e já havia nessa época cerca de 5 milhões de índios aqui no Brasil.

A maioria dos pesquisadores acreditam que nossos primeiros habitantes vieram de outros continentes. Por exemplo o mapa mostra que os índios Brasileiros vieram da Ásia, atravessaram o estreito de Bering, passaram pela América do norte e se expalharam por todo o continente até chegarem a América do Sul (ao Brasil).

Outros índios, segundo os pesquisadores pode ter vindo da Austrália e da Polinésia pelo Oceano Pacífico, passando pela América Central e depois chegando a América do Sul (Brasil).

Os índios Brasileiros formavam vários grupos e cada grupo formava uma tribo, cada tribo tinha sua religião, sua língua e sua maneira de viver e ocupava uma determinada região. Os principais grupos indígenas Brasileiros na época do descobrimento são:

Os Tupis - habitavam todo o litoral brasileiro e os mais conhecidos eram os Caetés, os Tupinanbás, os Tamoios, os Tabajaras, e os Potiguares.

Os Jês - habitavam o interior central do Brasil, e os mais conhecidos eram os Aimorés, os Apinajés, e os Xavantes.

Os Nuruaques - sua grande maioria viviam na ilha de Marajó e em locais da Amazônia.

Os Caraibas - habitavam as regiões próximas do rio Amazônia e a América central, eram bons navegantes e construtores de canoas.

Os índios moravam em cabanas chamadas de ocas e várias ocas formavam uma aldeia ou taba. No centro da aldeia ficava um terreiro que eles chamavam de ócara, local onde os índios realizavam suas festas e cerimônias religiosas. Essa aldeia era toda cercada de troncos, que se chamavam de caiçara, ex:

Geralmente, as tribos tinham dois chefes, um guerreiro que se chamava mocubixaba, que chefiava as guerras, e um chefe religiosa que se chamava pajé, que conhecia as ervas medicinais e curava os doentes.

Muitos grupos eram seminômades, ou seja, não tinham moradia fixa, moravam tempo aqui e um tempo ali, não paravam de vez num lugar.

Os índios viviam da caça, da pesca, da coleta de frutos e de raízes e cultivavam vários produtos como: a batata doce, o milho, a mandioca, o inhame, etc.

Para preparar a terra para a plantação, eles usavam a técnica da coivara, ou seja, derrubavam todo mato e as árvores e depois queimavam.

A terra cultivada pertencia a todos da aldeia e os produtos que eles produziam eram divididos igualmente entre todos, cada um recebia o necessário para sua sobrevivência, ou seja, para sua alimentação

Os homens caçavam, pescavam, construíam as casas, fabricavam as canoas, as armas para a guerra, derrubavam as matas e faziam seus instrumentos musicais, etc.

As mulheres cuidavam dos trabalhos agrícolas, desde a plantação até a colheita, preparavam os alimentos, fabricavam a farinha de mandioca e o comim, fiavam o algodão e teciam as redes.

Os índios praticavam a poligamia, ou seja, o ato de viver ou ter várias mulheres (pessoas) e era muito comum um casamento entre um tio e uma sobrinha e entre a viúva e o cunhado.

Os índios viviam nus, pois o clima era quente e não havia necessidade de cobrir o corpo, só em caso de guerra de cerimônia religiosa é que eles usavam tangas.

Eles tinham medo do trovão e do raio e acreditavam num Deus chamado de anhangá e adoravam o sol e a lua.

Os índios costumavam pintar o corpo de vermelho, azul e preto, faziam tatuagem no corpo e desenho em forma geométrica. Perfuravam o lábio inferior e colocavam um pedaço de madeira chamado de botoque.

Os homens ajudavam a mulher no parto, mas eles eram quem guardava resguardo, as mulheres cuidavam das tarefas diárias.

Os índios não sabiam escrever mas se destacaram noutras artes como: nos desenhos nas pinturas, fabricação de porcelana, de canoas, de instrumentos musicais (flauta, buzina, tambor) e os instrumentos de guerra (arco e flecha), nas tatuagens na fiação do algodão e na fabricação de redes, de faca de pedra, de machado, anzóis, ornamentos de penas. Se destacavam na música, na dança, na lenda.

Eis alguns usos e costumes indígenas que predominam até hoje.

Alimentação - predomina a comida feita de milho, como a pamonha a pipoca, a comida feita da mandioca, como a tapioca, o bejú, o pirão etc.

Agricultura - predomina a técnica da coivara ainda hoje utilizada pelo branco e a preparação da farinha de mandioca.

Costumes - predomina o uso da rede para dormir e da jangada para navegar.

Palavra - algumas palavras predominavam ainda como: Tiête, Piaui, sucurir, jibóia, tapioca, babaçu, jaboticaba, carnaúba, cipó, abacaxi, jaboti, etc.

Lendas - as superstições como: sasi-perêê, curupira, caapora, mapinguari, etc. Todas essas lendas falavam das astúcias espertas dos animais e das plantas como: mandioca e milho.

Bem, vocês viram quem foram nossos primeiros habitantes, de onde eles vieram, os primeiros grupos indígenas, como eles viviam, os usos e costumes que ainda predominam hoje, não foi?

Mas, como foi que os homens descobriram como os índios viviam, o que eles faziam se nessa época ainda não havia a escrita e os índios não sabiam ler?

Os homens descobriram através da Arqueologia, ciência que estuda os vestígios antigos, ou seja, os restos de objetos e coisas deixadas por estes povos, que significa os restos de sua existência, como: restos de habitações, de instrumentos, de desenhos e pinturas nas cavernas, de potes de cerâmica, de canoas, de instrumentos de pedra, pontas de flecha, arcos, restos de lanças, de ornamentos de penas, etc.

Todos esses restos de objetos foram estudados pelos cientistas (arqueologistas) para analisar o modo de vida dos índios. E como esses vestígios não são escritos, são chamados de restos pré-histórico, pois todo o período anterior a chegada dos portugueses no Brasil é chamado de pré-história, pois a história propriamente dita só começa com a escrita, isso para a historiografia oficial. O que defendo diz exatamente o contrário que os índios tinham uma história própria de sua maneira de ser.

#### BIBLIOGRAFIA:

- VILELA, Maria Januária. História do Brasil. In: Os povos Indígenas, vol.I, 35.º ed., Ática, São Paulo, 1991, p.8-9/40-43.
- ARAÚJO, Autoracy. História do Brasil - descobrimento e início da libertação. In: Formação do povo brasileiro, vol.I, 27.ª ed. Ática, São Paulo, 1986, p. 42-47.

## TEXTOS PARA LEITURA

**O que os índios pensavam dos homens brancos?**

Os primeiros contatos entre os portugueses e os habitantes da nova terra, que depois se chamaria Brasil, provocaram muita admiração e espanto, de ambos os lados. Eram povos diferentes em tudo: no aspecto físico, na língua, no modo de viver...

Voçê vai ler agora um texto escrito por um viajante francês que veio ao Brasil durante o século XVI e teve oportunidade de ouvir a opinião de um índio sobre a extração do pau-brasil:

Os tupinambás muito se admiram dos franceses e outros estrangeiros virem de tão longe para buscar o pau-brasil. Uma vez um velho índio perguntou-me:

— Por que vinde vós outros, mãres e perôs (franceses e portugueses), buscar lenha tão longe para vos aquecer? Não tendes madeira em vossa terra?

— Respondi que tínhamos muita madeira, mas não daquela qualidade. Expliquei que não queimavamos o precioso pau-brasil, mas dele extraíamos tinta para tingir, tal qual faziam os índios com seus cordões de algodão e suas plumas.

Retrucou o velho imediatamente:

— E por ventura precisais de muito?

— Sim, respondi, pois no nosso país existem negociantes que possuem mais panos, tesouras e espelhos do que podeis imaginar e um só deles compra todo pau-brasil com que muitos navios voltam carregados.

— Ah! retrucou o selvagem, tu me contas maravilhas! Mas esse homem tão rico de que me falas não morre?

— Sim, disse eu, morre como os outros.

Mas os selvagens são grandes discursadores e costumam ir em qualquer assunto até o fim, por isso perguntou-me de novo:

— E quando morrem, para quem fica o que deixam?

— Para seus filhos, se os tem, respondi. Na falta destes, para os irmãos ou parentes mais próximo.

— Na verdade, continuou o velho, agora vejo que vós mãres sois grandes loucos, pois atravessais o mar e sofreis tantos incômodos, como dizeis quando aqui chegais, e trabalhais tanto para amontoar riquezas para vossos filhos e para aqueles que vos sobrevivem! Não será a terra que vos nutriu suficiente para alimenta-los também? Temos pais, mães e filhos a quem amamos; mas estamos certos de que depois de nossa morte a terra que nos nutriu também os nutrirá, por isso descansamos sem maiores cuidados.

(Adaptado de: Jean de Lery. Viagem a terra do Brasil. Citado por: Nelson Piletti. História do Brasil. São Paulo, Ática, 1987. p. 36.)

## A Transição da Sociedade Feudal para a Sociedade Moderna - séc. XV-XIX.

Para entendermos como se deu essa transição da Sociedade Feudal para a Sociedade Moderna é preciso saber antes o que significa os termos: Feudalismo e Capitalismo.

Feudalismo e Capitalismo são modos de produção estudados por Marx para entender a forma como se deu o processo produtivo de determinadas sociedades e a forma como se dava a relação do homem entre si e sua relação na produção social. Segundo Marx, a existência do homem é determinada pelas relações econômicas, base material da sociedade, portanto, a base para as demais relações

Como sabemos, Marx foi um grande filósofo alemão do século XIX que estudou sobre a política, a economia, a cultura e a ideologia, etc. Portanto, um filósofo que desenvolveu um vasto conjunto de obras, mas sua maior preocupação nesse período era estudar o capitalismo na Europa Ocidental, especificadamente na Inglaterra.

Mas para estudar o capitalismo Marx estabeleceu quatro modos de produção, para entender como estava organizada a sociedade europeia sócio-economicamente, que são:

a. Modo de Produção Primitivo: foi um modo de produção que existiu nos primeiros tempos da humanidade onde todos trabalhavam harmonicamente para produzir os bens indispensáveis a vida. Então, tudo o que eles produziam pertenciam a todos, pois viviam em comunidade. Segundo Marx nessa sociedade não havia dicotomia social, ou seja, não havia divisão social, todos eram iguais.

b. Modo de Produção Escravista: são modos de produção que existiam em Roma e Grécia onde os trabalhadores que eram escravos não ganhavam pelo seu trabalho. De um lado existiam os escravos que eram os donos da força de trabalho, dos meios de produção e dos instrumentos de trabalho, e do outro lado existiam os escravos, que eram prisioneiros, comprados e vendidos como se fosse uma mercadoria para trabalhar arduamente para os senhores. Para Marx aqui existia uma dicotomia social, de um lado ficava os senhores e do outro os escravos.

c. Modo de Produção Feudal: é um modo de produção que predominou na idade média, sua economia era baseada numa economia de subsistência. De um lado existia os senhores feudais, que detinham poder sobre os homens e sobre as terras e do outro lado tínhamos os servos. Então, segundo Marx não se tratava de uma sociedade homogênia, havia uma divisão social.

d. Modo de Produção Capitalista: é um modo de produção onde quem manda é o capital, que é empregado em trabalho ou mercadoria, com a finalidade de se obter lucros. Aqui, temos de um lado os burgueses, os que dominam a produção e investem seu capital, e do outro temos o operariado.

e. Modo de Produção Comunista: sistema de produção que procura atender primeiramente as necessidades da população. A qui não há diferenças sociais entre as pessoas, cada um recebe de acordo com suas necessidades, portanto há igualdade social.

É difícil delimitar cronologicamente a época moderna, já que se trata de um período de transição, onde diversas sociedades do mundo sofreram transformações, em todos os níveis, mudando completamente seu modo de ser e de existir.

Segundo a visão tradicional é a visão dos historiadores franceses, a idade moderna começou 1789, com a eclosão da Revolução Francesa.

Essa delimitação é a mais comum, mas suscita críticas, já que a mesma é uma delimitação apenas referente a Europa e não as demais sociedades que sofreram transformações nessa época.

Para muitos autores a idade, moderna começou em 1492, com o descobrimento da América, fato considerado muito mais importante e que mudou muito mais a história que a tomada de Constantinopla.

Outros historiadores dizem que a idade moderna começou com a invenção da imprensa, fato que revolucionou a história na segunda metade do século XV e foi de suma importância para a mesma.

Na visão de Russos, a idade moderna começou com as revoluções sócio-econômicas e políticas. Ou seja, com a Revolução Industrial e Francesa e vai até o final do século XIX, fatos estes que marcaram a afirmação do Capitalismo.

Estas dificuldades são decorrentes das divergências a cerca do surgimento e evolução do capitalismo, todos concordam que é no capitalismo que encontramos as características da idade moderna, só não concordam com seu surgimento e sua predominância.

As grandes transformações sociais sempre resultam de mudanças estruturais. Esse processo pode ser explicado nas suas linhas gerais da seguinte forma: a existência humana resulta de uma produção social, que só se realiza na medida em que os homens estabelecem relações entre si.

Segundo Karl Marx, as relações que os Homens estabelecem na produção social da sua existência são determinadas pelas relações econômicas que possibilitam a existência material da sociedade. Por isso elas constituem as bases para as demais relações (políticas, culturais, religiosas e ideológicas, etc.).

As relações sociais se interpenetram, e qualquer alteração em uma delas afeta as demais. Porém as grandes transformações sociais se realizam quando as bases sociais ou as relações econômicas são profundamente alteradas. Quando isso acontece, pode-se afirmar que ocorre uma revolução social, quer dizer uma mudança na estrutura da sociedade.

Na época moderna, no contexto da Europa Ocidental, verificou-se exatamente uma revolução social, na qual o feudalismo deu lugar ao capitalismo, enquanto base para a organização social.

Mas vale salientar, que o processo de transformação social não é linear nem uniforme. Isso quer dizer que ele é sempre complexo e multifacetado, o ritmo das alterações não é o mesmo em todas as esferas de relações, podendo as mudanças se iniciarem modelo.

Vejamos agora algumas características da idade moderna:

Economicamente predominou o capital comercial, proveniente do comércio, decorrente da passagem da valorização da terra pela valorização do dinheiro. Então, de uma economia de subsistência ela passa para uma economia comercial.

Politicamente de uma sociedade feudal, dividida em senhores feudais e servos ela passa a ser submetida a monarquia absoluta.

Juridicamente a sociedade moderna ficou dividida em ordens ou estados (clero, nobreza e povo) e entre o povo estava a burguesia, que lentamente se afirmou no comércio e se tornou a mola mestra da sociedade.

Culturalmente com o surgimento do Renascimento e do Humanismo (movimentos de reações aos padrões culturais medievais e valorização do homem), o plano das idéias, da mentalidade também é afetado. O homem agora passa a ser o centro das atenções dos pensadores e cientistas, tanto nas artes como nas letras, filosofia, ciência, etc.

Ideologicamente surge a Reforma (movimento de contestação ao poder da Igreja) e sua doutrina se baseava na idéia de que “só a fé salva”, contrapondo a doutrina da Igreja, que dizia que “só a Igreja salvava”! Isso quer dizer que vai ocorrer uma quebra nos velhos padrões da religião, e surge nesse período várias Igrejas protestantes.

A expansão econômica da sociedade feudal estava organizada em função da subsistência, definida geralmente como agrária e artesanal, voltada para a produção de gêneros necessários à sobrevivência do produtor e das camadas que viviam da sua exploração.

Era portanto uma atividade de pouca expressão, mas a partir do século XII isso vai mudar a atividade comercial, que era feita a longa distância vai se revigorar, ou seja, vai crescer.

E os fatores que contribuíram para esse crescimento foram: crescimento das cidades, desenvolvimento das atividades manufatureiras, modificações nas relações de trabalho, o fim da servidão e outros de ordem política e cultural.

Ocorre nesse período uma revolução comercial já que as atividades comerciais mudam de direção e sentido. O centro comercial se desloca do mediterrâneo para o atlântico, onde todas as rotas comerciais agora passam a ser feitas pelo oceano, atingindo a África, América e o Extremo Oriente.

Com essa abertura, a Europa consegue percorrer todos os mercados do mundo, fazer com que suas mercadorias circulem em todo o mundo, o que deixa a Europa também abastecida, principalmente para atender as camadas sociais abaladas e a indústria nascente.

Se percebe que a expansão econômica da Europa foi de caráter comercial, representou um prolongamento do desenvolvimento comercial, que vinha se verificando desde o final da idade média.

Essa expansão comercial propiciou o fortalecimento de uma classe burguesa, que aos poucos foi se tornando a principal responsável por essa expansão, já que a mesma

fez com que novos mercados e novos produtos se lançassem e se realizasse a expansão em escala mundial, através do mar.

Essa expansão dependeu muito do avanço dos instrumentos náuticos (bússola, astrolábio) e do aprimoramento do conhecimento geográfico (mar e os oceanos), das construções de embarcações para longas viagens e ao navio europeu, o mais rápido, ágil e fácil de controlar e enfrentar o alto mar.

A expansão econômica, geográfica e sobretudo marítima exigiu o aperfeiçoamento da navegação já que se tratava de uma expansão transoceânica que atingiu o mundo todo e de diferentes maneiras, modificando completamente os aspectos internos de cada localidade.

Mas, o principal motivo que levou os europeus a se lançarem nessa grande aventura foi a busca do Oriente, região considerada reino da riqueza, pois produzia especiarias e outros produtos (tecidos e objetos de luxo). Além desse motivo existia outros, como: os interesses políticos-econômicos, enriquecimento do país, a procura de conhecimentos e a afirmação de uma vida religiosa (através da conversão dos pagãos ao catolicismo).

Como vimos o período compreendido entre os séculos XV e XIX foi chamado de idade moderna, que se caracteriza por uma série de transformações na estrutura de diversas sociedades do mundo.

Numa transição sempre sempre apresenta a coexistência entre o velho e o novo, e nessa época era velho tudo o que era feudal, e novo tudo o que era capitalista.

É um período muito confuso, pois nem sempre podemos distinguir em o que seja velho e o que seja novo, já que as mudanças não ocorreram de forma simultânea em todos os níveis da sociedade.

Então com todo esse crescimento no campo político, econômico, ideológico, cultural e religioso na Europa nesse período, se percebe que alguns traços ou relações feudais ainda predominam, tanto no campo como na cidade. Essas mudanças variam muito de lugar para lugar, e de atividade para atividade.

Essa fase em que se verifica profundas transformações e que ao mesmo tempo permanece alguns traços feudais é chamado por alguns historiadores de pré-capitalista.



- Universidade Federal da Paraíba.
- Disciplina = Prática de Ensino 1ª e 2ª Anos.
- Orientadora = Graciela da Câmara Donato.
- Aluno / Estagiário = Maria Fúlvia Fernandes da Costa.
- Data = 05/03/96.

- Plane de Aula -

ênie	Conteúdo	Obj. Específico	H'Aula	Procedimento	Recursos	Avaliação	Bibliografia
2ª mob	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A transição da sociedade feudal para a sociedade medieval na Europa nos séculos XV-XIX.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conceituar estes termos feudalismo e capitalismo para entendermos o processo de transição na Europa.</li> <li>• Mostrar as várias visões do eixo da construção temporal da idade medieval.</li> <li>• Dividir a expansão multi-plea e econômica da sociedade medieval na Europa nos séculos XV-XIX.</li> </ul>	45 min	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aula - exposição - diálogo - dialética.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Quadro para gl, texto e mapa.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar no papel os elementos da classe social, através de uma história contada no final da aula.</li> </ul>	

→ Universidade Federal da Paraíba.

→ Disciplina = Prática de Ensino de 1º e 2º Grau.

→ Aluno - Estagiário = Baxia Zulide Fernandes da Costa.

→ Orientadora = Brenides da Câmara Renato.

→ Unidade de Ensino = Os povos Indígenas Brasileiros

→ Data = 05/02/96.

→ Série = 5ª.

### - Plano de Aula -

Conteúdo	Obj. Comportamentais	H/Aula	Sel. de Conteúdos	Proced. Didáticos	Recursos didáticos	Avaliação	Bibliografia
• Os povos indígenas Brasileiros (do descobrimento a colonização)	• Reconhecer a origem dos povos indígenas brasileiros, como vivem e os principais grupos. • Referir sobre as influências culturais desses povos.	45 min.	• Origem dos povos indígenas • Principais grupos. • Influências culturais	• Aula expositiva dialogada com uso de gravuras, mapas e aplicação de um exercício de análise de texto.	• Quadro parva giz, mapas, gravuras e texto	• Pelo desempenho e interesse demonstrado em sala de aula e pela qualidade do texto produzido.	• VILELA, Baxia Januária. História do Brasil. Im - Os povos indígenas: vol I, 35ª edição, Atica, São Paulo, 1993. p = 8-9 / 40-43 • ARAUJO, Anthony História do Brasil - descobrimento e início da libertação Im - formação do povo brasileiro, vol: I, 27ª edição, Atica, São Paulo, 1986. p = 42-47.

## A importância do café no segundo Reinado

Como sabemos, a vida econômica do segundo reinado manteve características do período colonial, ou seja, economicamente o país permanecia produzindo gêneros para exportação, que nesse momento, era o café.

O café já era conhecido no Oriente e na Europa desde o século XVI. Da Europa foi para a Guiana Francesa, e, da Guiana " foi para o Brasil, para o estado do Pará por Francisco Palheta em 1727. Do Pará o café veio para o Maranhão, e em seguida veio para o Rio de Janeiro, Minas Gerais e depois para São Paulo, " maior eixo econômico do país. Em seguida veio para o Paraná e Mato Grosso do Sul. Mas, apesar de cultivado no Brasil desde o século XVIII, o café só adquiriu importância quando seu consumo se expandiu na Europa e nos Estados Unidos.

O café começou a ser exportado no primeiro reinado e nas regências, mas, foi a partir de 1840 que sua exportação atingiu 1 milhão de sacas por ano, superando a produção da cana-de-açúcar. Em 1854 havia no Brasil 667 engenhos de açúcar, por outro lado já havia cerca de 2618 fazendas de café em todo o país.

Quem produzia essa riqueza era os escravos, mesm a não- de obra da cana-de-açúcar, pois, os trabalhadores assalariados nesse período eram poucos, se comparados ao número de escravos.

Antes da abolição dos escravos foi introduzido imigrantes portugueses e alemães na lavoura de café, sob o sistema de parceria, ou seja, eles plantavam uma área de café e, tiravam as despesas e o que restava era dividido com o dono da propriedade. Esse sistema de parceria não deu certo, pois o imigrante tinha que pagar todas as despesas de sua viagem para o Brasil e era descontado no seu pagamento. Então, eles se revoltaram e o governo alemão proibiu a imigração para o Brasil. Mas, os fazendeiros de São Paulo perceberam que a mão de obra assalariada era mais vantajosa, e, aos poucos, o trabalho escravo foi sendo substituído pelo trabalho assalariado. Mas, os fazendeiros do Rio de Janeiro não pensavam assim, queriam continuar com a mão-de-obra-escrava.

O café era escoado em lombos de burros e em carros de boi até os pontos de comércio. Mas, as grandes safras obrigaram os cafeicultores a recorrerem a outro meio de transporte, que são as estradas de ferro, e muitas foram construídas a partir desse momento.

O desenvolvimento da cafeicultura trouxe benefícios, principalmente para São Paulo e para os barões do café, que ganharam importância econômica e política no 2º reinado. Ao optarem pela vida urbana eles puderam participar de outras atividades, como: comerciais, bancárias e industriais.

De um modo geral o café propiciou muito benefícios, como: fez surgir inúmeras cidades, mudou outras, desenvolvimento da comunicação, dos transportes outros melhoramentos de infraestrutura, como luz água, saneamento e abastecimento.

Além do café tínhamos outros produtos, como o açúcar, o cacau, a borracha e o fumo.

- Escola Estadual Coarariz Virgenas de Cama Verde.
- Disciplina = História do Brasil.
- Professora = Doraely Alves Figueira
- Plano - Cotiaquere = Maria Luísa Fernandes do Costa
- Coordenadora = Brenúcia Câmara Senato.
- Data = 16/04/2016.

- Plano de Aula -

Data	Conteúdo	Obj. Específicos	Tempo	Procedimentos	Recursos	Avaliação	Bibliografia
09	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A Impetição da República no Segundo Reinado</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Contextualizar o segundo reinado</li> <li>• Analisar a trajetória da república no Brasil.</li> <li>• Discutir como era produzida a cultura da república neste período.</li> </ul>	45 min	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aula expositiva - dialogada.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Quadro para o giz.</li> <li>• giz, mapa e texto.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Através de um exercício.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• CASTEL, Bruno. História Dinâmica do Brasil: ligando o passado e refletindo o presente. 6ª edição. 144p. São Paulo 1993.</li> <li>• VICENTINO, Cláudio. História - Memórias Vivas. Brasil Imperial e Republicano. 8ª edição. 2ª edição. Editora Scipio. São Paulo, 1994. p. 36-43.</li> </ul>

## A reforma e a Contra-Reforma

A reforma religiosa foi um movimento que surgiu dentro da própria Igreja Católica e que conseguiu dividir os cristãos do Ocidente no século XVI, dando origem as diversas novas igrejas chamadas Protestantes, pois, quebrou a unidade cristã e estabeleceu o fim da quase milenar supremacia eclesiástica na Europa.

Os fatores que contribuíram para a reforma religiosa do século XVI foram: a posição que a Igreja conservava de maior proprietária de terras da Europa, o comportamento desregrado dos clérigos, bispos e pontífices, a venda de cargos eclesiásticos e de indulgências, etc., levando a Igreja papal à desmoralização. Os monarcas por sua vez, viam suas mãos, e finalmente, a condenação da prática de usura e da obtenção do lucro acabou colocando a chamada burguesa europeia em oposição a Igreja.

Então, no século XVI, a Igreja se encontrava em uma profunda crise moral, estimulando crítica e rebeldia a sua autoridade e, apesar de Jonhn Wyclif e Jonhn Huss proporem algumas mudanças a ordem clerical, o rompimento da unidade cristã foi inevitável, dando origem assim ao protestantismo.

O movimento reformista teve início em 1517, quando o religioso alemão Martinho Lutero, revoltado com a desmoralização da Igreja, publicou 95 teses criticando ferozmente a Igreja papal e, apesar, de consideradas heréticas (contrárias a Igreja) pelo clero romano, as idéias luteranas se espalharam por toda a Alemanha, onde teve apoio de nobres e camponeses. Dos nobres por desejarem as terras da Igreja para se erguerem economicamente, dos camponeses por desejarem sair da condição de miséria que viviam.

A doutrina luterana propunha a simplificação do culto e pregava a predestinação, afirmava que somente a fé é capaz de levar o homem a salvação, e tinha a bíblia como autêntica base religiosa, e negando portanto os setes sacramentos e reconhecendo apenas o batismo e a eucaristia.

Mais tarde, inspirado no luteranismo surge o francês João Calvino que, aprofundando a doutrina luterana, reafirma a idéia da predestinação, alegando que através do sucesso econômico que se revela quem está destinado a salvação eterna, já que para ele a miséria era a fonte de todos os males e pecados. Tais idéias foram rapidamente assimiladas pela burguesia, afinal, se adequava às suas expectativas capitalista.

Já na Inglaterra, o líder da Reforma religiosa foi o próprio rei, Henrique VIII, que desejando apoderar-se das terras da Igreja e retirar a base do poder temporal, rompeu com o papa, e, através do Ato de Supremacia, transformou-se no chefe da Igreja Nacional e incorporou as terras da Igreja ao estado. A Igreja chamou-se anglicana e só foi consolidada no governo de Elizabeth I, sua filha.

A Reforma religiosa ou Protestantismo rapidamente se espalhou por toda a Europa, despertando assim a reação dos católicos, que deram início a Contra-Reforma (movimento de contenção a difusão ou expansão do protestantismo). Para isto foram criados

meios para combater essa expansão, como: companhia de Jesus, O consílio de Trento e o Index.

#### BIBLIOGRAFIA:

VICENTINO, Cláudio, História - Memória Viva. Idade Moderna e Contemporânea, 2.<sup>a</sup> ed., Spicione, 1994.

- Escola Estadual Côrtes de Argemiro de Gama Reis.
- Disciplina = História de Brasil.
- Professora = Doraci Alves Pequeno.
- Plano - Catagoria = Livro Livro Fernando de Góes.
- Orientadora = Coniêdes Cômusca Donato.
- Data = 16/04/86

- Plano de Aula -

Data	Conteúdo	Obj. Específicos	H/Aula	Procedimento	Recursos	Avaliação	Bibliografia
3º-A	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A Reforma Religiosa</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreender o que foi a Reforma Religiosa</li> <li>• Analisar os fatos que levaram à esta reforma no século XVI.</li> <li>• Discutir o início do movimento reformista e suas doutrinas.</li> </ul>	45 min.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aula expositiva - dialogada.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Quadro para giz, giz, mapa, texto</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Através de um roteiro.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• CARTELE, Bruno. História Antiga - Moderna Contemporânea. Analizando o passado, e refletindo o presente. 2ª edição - São Paulo, São Paulo, 1993. p = 35 - 42.</li> <li>• VICENTINO, Cláudio. História - Memórias da Idade Moderna e Tempos Contemporâneos. 2ª edição. São Paulo, 1994.</li> </ul>

- Escola Estadual Covato, Virgínia do Cama, Mato.
- Disciplina = História do Brasil.
- Professor(a) = Decary Aires Pequeno.
- Aluno = Estaguiaro = Ruy de Almeida Fernandes do Costa.
- Coorientadora = Carmides Camara Bonate.
- Data = 23/04/96.

- Plano de Aula -

Tema	Conteúdo	Obj. Específicas	H/Aula	Procedimentos	Recursos	Avaliação	Bibliografia
3ºB	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A Reforma Religiosa</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Entender o que foi a Reforma Religiosa</li> <li>• Analisar os fatores que levaram à essa reforma do século XVI.</li> <li>• Descrever o início do movimento Reformista e suas doutrinas.</li> </ul>	40min.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aula expositiva - dialogada</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Quadro para giz, giz, mapa, texto</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Atraves de um exercício.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• CANTELE, Bruna. História e memória, Moderna e Contemporânea Analisando o passado, revisitando o presente. 8ª edição. São Paulo, 1993. p = 35 - 42.</li> <li>• VICENTINO, Cláudio. História Memória Viva. Idade Moderna e Contemporânea. 2ª edição. São Paulo, 1994.</li> </ul>



## A Contra-Reforma - século XVI na Europa.

A contra reforma foi um movimento de reação dos católicos para conter e combater a difusão ou expansão das idéias protestantes.

A contra reforma proponha fortalecer a igreja papal, o credo católico e moralizá-la, e para isso adotou medidas que compuseiam a Reforma Católica. Isso significa que o catolicismo também foi obrigado a adequar-se aos novos valores, decorrentes do capitalismo comercial.

Esse movimento foi liderado pela ordem dos capuchinhos, que viviam na austeridade tradicional e por um cardeal. Mas a igreja católica só conseguiu reafirmar-se definitivamente após a promulgação das resoluções do Concílio Trento, da criação da companhia de Jesus e da criação do Index, feitos da igreja católica para combater o protestantismo.

O concílio de Trento era o local onde se reunia eclesiásticos sob a liderança do papa (PAULO III) para se discutir os problemas do cristianismo e definir a situação da igreja diante da expansão do protestantismo.

A partir do concílio de Trento foram reafirmados os dogmas e preceitos do catolicismo como:

- \* manutenção do celibato para sacerdotes
- \* rejeição do protestantismo
- \* manutenção dos setes sacramentos
- \* obrigatoriedade do latim na missa
- \* o culto dos santos e da Virgem Mãe de Deus
- \* a infabilidade do papa
- \* o fim da venda de indulgências
- \* proibição da venda de cargos eclesiásticos
- \* reafirmação do livre-arbítrio, ou seja o homem se sabia pela fé e pela caridade que pratica
- \* a restauração dos Tribunais para a Santa Inquisição para julgamentos de atos e idéias contrárias ao pensamento católico, ou seja, o objetivo do santo ofício era vigiar e normalizar a fé e a vida dos fiéis, já que seriam perseguidos pela Inquisição todos aqueles que pusessem em risco a fé em Cristo.

A companhia de Jesus que tinha por lema "lutar por Deus e pela cruz", tinha como objetivo formar os jesuitas dentro de uma disciplina rígida, para que estes difundissem e propagassem o cristianismo (ideologia católica) e combatessem os infiéis e protestantes, ou seja, ensinassem e pregassem o evangelho a todas as civilizações recém-descobertas, atribuindo a educação religiosa sua total importância.

O Index era uma relação de livros proibidos para os católicos e nessa relação constavam as bíblias Luterana, Calvinista e Anglicana, além de diversas obras intelectuais da época como: Galileu Galilei, Giordano Bruno, Isaac Newton, etc. Todos estes livros ou obras não podiam ser vistos nem lidos pelos católicos, pois eram considerados heréticos e sucessivos a ideologia (pensamento) da igreja papal.

Então, a reabilitação moral da igreja católica deteve o avanço do protestantismo, mas, não conseguiu impedir a divisão de doutrinas, pois a partir da reforma, o mundo não estava mais submetido a supremacia da igreja Romana.

#### BIBLIOGRAFIA:

VICENTINO, Cláudio. História-Memória Viva Idade Moderna e Contemporânea, editora Scipione, 2.ª edição, 1994, p.40-44.

CANTELE, Bruna. História Dinâmica Moderna e Contemporânea, Analisando o passado, refletindo o presente, 8.ª série Ibep, São Paulo, p. 39-42.

- Escola Estadual de 1º e 2º Graus "Sergius" da Cama Belo.
- Disciplina = História do Brasil.
- Professora = Doracy Alves Pequeno.
- Aluno - Castagnolo = Maria Tuliudi Fernandes da Costa.
- Orientadora = Coenides da Câmara Donato.
- Data = 23/04/96.

- Plano de Aula -

Série	Conteúdo	Obj. Específicos	H/Aula	Procedimentos	Recursos	Avaliação	Bibliografia
8º A	Acentuação da letra.	• Mostrar o que foi acentuação. Reforma.	• 45 min.	• Aula expositiva - dialogada.	• Quadro na giz, texto.	• Através de um exercício escrito.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• VICENTINO, Cláudio. História Moderna e Contemporânea. Editora Senac, 2ª edição, 1994, p = 40 - 44.</li> <li>• CARTELE, Bruna. História Dinâmica - Moderna e Contemporânea. Analizando o passado refletindo o present. 8º nível, São Paulo, p = 39 - 42.</li> </ul>

## A Cultura no Período Imperial

Como sabemos, a cultura brasileira formou-se a partir do conjunto de várias culturas, como: a do branco português e dos imigrantes, a dos índios nativos e a dos africanos.

Durante o período imperial, foi grande a influência da cultura européia no Brasil, principalmente da Inglaterra e da França, considerados berços da nossa civilização.

A partir da chegada da família real ao Brasil, em 1808, a sociedade brasileira passa por várias mudanças, no ensino, nos costumes e nas artes em geral.

Tornando conhecido da tecnologia e da indústria européia, os brasileiros sentiram a necessidade e o desejo de se atualizar e acompanhar esses progressos. As famílias mais abastadas, ou seja, as famílias ricas foram adquirindo produtos de tecnologia européia, como: telefones, carros, bicicletas, roupas finas, jóias e móveis de grande estilo.

### O Ensino no Império

A partir da Constituição de 1824, o ensino primário deveria ser gratuito a todos os cidadãos brasileiros e deveriam ser criadas escolas em vilas e cidades. Mas, isso não aconteceu, devido a vários motivos, como: faltavam recursos por parte do governo, e, como a maioria da população era pobre, as crianças não podiam frequentar as escolas, porque trabalhavam para ajudar os pais.

Com D. Pedro II no governo, o número de escolas aumentou, pois o imperador era amante das artes e das letras. Então, nesse período foram criados muitos colégios, academias e faculdades de Medicina e Direito. Mas, os brasileiros que podiam estudar eram em número reduzido, ou seja, eram poucos, e "esses escolas atendiam principalmente a classe média alta, e os principais centros culturais do Império eram: São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife.

Muitos colégios eram administrados por ordens religiosas, ou seja, e eram colégios de regime interno, e os filhos de famílias abastadas (ricas) iam estudar na Europa, e formavam-se principalmente em Direito e Medicina.

Então, como a maioria da nossa população era pobre e as crianças tinham que trabalhar para ajudar os pais, o número de alfabetos eram muitos. Em 1827, nossa população já somava uns 10 milhões de habitantes, mas, a maioria (70%) ainda era malhabata.

Nesse período dava-se pouca importância à instrução feminina, devido a sociedade que era extremamente machista e atribuía às mulheres apenas as "funções básicas e relativas à sua condição. Para essa sociedade, a educação da mulher devia se limitar apenas as primeiras letras, um pouco de cálculo, corte, costura, bordado, regras de boas maneiras, dança e artes culinárias." A mulher deveria aprender apenas o suficiente para se casar, ser dona de casa e cuidar dos filhos e da família. Os homens podiam estudar, ingressaram nos estudos, se profissionalizaram e trabalharam.

Então, como percebemos, o ensino nesse período não chegava até a população de classes mais baixas, pois, estas, tinham dificuldades de conseguir melhores condições de vida.

- Escola Estadual de 1º e 2º Graus Cooritor: Regenius da Cama Melo.
- Disciplina = História do Brasil.
- Professora = Doracy Alves Pequeno
- Aluno - Estudante = Baria Fuleide Fernandes da Costa.
- Coordenadora = Erwinis da Camara Bonato.
- Data = 23/07/86.

- Planejamento -

Série	Conteúdo	Obj. Específicos	Habil.	Procedimentos	Recursos	Avaliação	Bibliografia
6º	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O Ensino no Período Imperial</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Contextualizar o período.</li> <li>• Compreender o ensino brasileiro a partir da Constituição de 1824.</li> <li>• Analisar o significado da educação para a sociedade da época.</li> </ul>	45 min	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aula expositiva dialogada</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Quadro para giz, texto.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Através de um roteiro.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• VICENTINO, Cláudio. História - Memória Viva. Brasil: Período Imperial e Republicano. edição, editora Scipione.</li> <li>• CANTILE, Bruno. História Dinâmica do Brasil. Analisando o passado, refletindo o presente. 6º série. IUPERJ, São Paulo. p = 54 - 61.</li> </ul>

- Escola Estadual de 1ª e 2ª Graus Vespertinas de Cama Verde.
- Disciplina = História do Brasil.
- Preparadora = Doracy Alves Aquino.
- Aluno - Cartagênia = Elaine Fúndes Guimarães da Costa
- Orientadora = Cronides da Câmara Bonato.
- Data = 29/07/96.

Plano de Aula

Conteúdo	Obj. Específico	H/Aula	Procedimentos	Recursos	Avaliação	Bibliografia
8ª B • A Centra - Reforma.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mostrar o que foi a Centra - Reforma.</li> <li>• Discutir a ideologia que sustentava para combater o Prestardome.</li> </ul>	45 min	Aula expositiva dialogada	Quadro para giz, texto.	Através de um exercício:	<ul style="list-style-type: none"> <li>• VICENTINO, Cláudio. História - Memória Nova - Idade Média e Contemporânea - Editora Scipione, 2ª edição 1994, p = 40 - 44</li> <li>• CASTELÉ, Bruno. História Dinâmica - Medicina Contemporânea. Analizando o passado refletindo o presente 8ª série, Imp. São Paulo, p = 39 - 42.</li> </ul>

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
 CENTRO DE HUMANIDADES - COHEU  
 DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA  
 ESCOLA DE HISTÓRIA  
 ALUNO/ESTUDANTE:

LOCAL DO ESTUDO: ESCOLA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA - COLÉGIO VIGÁRIO  
 DA CABAIBITO

SÉRIE: TURNO: FÉRIAS:  
 DISCIPLINA: HORARIO:  
 PROFESSOR DA DISCIPLINA:  
 ORIENTADOR:

## BASES DA SOCIEDADE PARAIBANA: ESCRAVIDÃO, PROPRIEDADE E RELIGIÃO

### A ESCRAVIDÃO NO PERÍODO COLONIAL

Em meados do século XVII, a Capitania Real da Paraíba estava estruturando suas atividades produtivas tendo como fundamento o trabalho escravo. Como no restante da nova colônia portuguesa, aqui não havia pessoas suficientes para povoar as terras recém descobertas. Nos primeiros anos da colonização dos portugueses, tentaram utilizar os nativos (índios) nas atividades agrícolas, mas as tentativas não obtiveram êxito, principalmente por conta da resistência indígena ao trabalho na agricultura e à vida sedentária, ou seja, como o indígenas brasileiros eram em sua maioria nômades (mudavam-se constantemente), terminaram por resistir ao trabalho fixo na terra. Vendo que a escravização indígena não contribuiria para o desenvolvimento colonial e sob pressão de religiosos que a condenavam, a Coroa Portuguesa proibiu esta em todas as capitanias do Brasil, passando a adotar o trabalho negro escravo como forma de solucionar o problema da falta de trabalhadores para a lavoura e, ao mesmo tempo, criando uma nova fonte de rendas para a Coroa, o tráfico de negros da África para o Brasil.

Os negros eram adquiridos na África e levados em precárias condições nos famosos navios negreiros para o Brasil.

Por volta de 1626, chegam à capitania da Paraíba para trabalhar inicialmente na lavoura canavieira. Com o decorrer da colonização e a sua expansão pelos sertões (interior) aumenta a utilização do trabalho escravo, agora também presente nas fazendas pecuaristas dos sertões.

Na capitania da Paraíba a utilização do escravo não era diferente do resto do Brasil. Os negros enfrentavam os mesmos problemas de alimentação escassa, pouca liberdade, trabalho pesado, com longas jornadas, sofrimento constantes e castigos por parte de seus senhores, etc.

No final do século XVII, a Coroa Portuguesa preocupada com a diminuição do braço negro na capitania da Paraíba, envia uma Carta Régia (1698) para o capitão-mor Manuel Soares de Albuquerque para que averiguasse as denúncias de que os proprietários de escravos estavam castigando os em excesso, e caso confirmadas tais denúncias, devia-se coibir (impedir) os excessos dos senhores de escravos.

Em decorrência dos conflitos castílicos e maucítrabos, muitos negros fugiam dos canaviais paraibanos e, associando-se a índios, formaram o quilombo do Curobe (atual município de Santa Rita). Os quilombos, fugas, assassinatos de famílias de senhores e de feitores, por um lado, e de suicídios e abortos, por outro, foram práticas constantes utilizadas por escravos durante o período colonial e imperial no Brasil.

#### A PROPRIEDADE DA TERRA NO PERÍODO COLONIAL.

Na Capitania da Paraíba, como de resto em todo o Brasil colonial, as propriedades foram estruturadas a partir da doação de grandes extensões de terras, chamadas sesmarias. No início, são distribuídas poucas sesmarias na Paraíba, durante os primeiros anos do século XVI são distribuídas apenas cinco sesmarias. Com o tempo e a expansão da colonização elas vão sendo ampliadas. Comumente se transformavam em sesmeiros (proprietários de sesmarias) homens e famílias de posse e que tivessem uma certa proteção da Coroa; desbravadores e bandeirantes que conquistavam as terras aos índios, através de guerras que muitas vezes exterminavam aldeias inteiras.

Após a conquista da terra os colonizadores passavam a utilizá-las para a produção agrícola e para a criação de gado (pecuária). No litoral paraibano, especialmente na várzea do Paraíba, as terras eram propícias para a cana-de-açúcar. Ali foram constituídos extensos latifúndios monocultores utilizando-se a mão-de-obra escrava. No sertão, a grande propriedade (fazenda), estava voltada para a criação de gado, plantação de algodão e culturas de subsistências.

Em 1697, a Coroa portuguesa com receio da constituição de grandes propriedades por parte de algumas famílias de conquistadores e de ter sua autoridade posta em cheque, limita através de Carta Régia, o tamanho das sesmarias em três léguas de comprimento por uma de largura, o que mesmo assim constituía uma propriedade de cerca de onze mil hectares.

Tra comum na época, proprietários de sesmarias arrendavam parte de suas terras e viverem dessas rendas.

Pouco a pouco e sempre tendo que enfrentar a resistência dos indígenas, as terras da Paraíba vão sendo desbravadas e ocupadas. O sertão começa a ser desbravado no final do século XVII, tendo contribuído para tanto a Casa da Torre, tendo a frente Francisco Dávila, que vem desbravando o interior da Bahia, Pernambuco, Paraíba, Ceará, chegando até ao Piauí, e a Família Oliveira Ledo, tendo a frente Teodósio de Oliveira Ledo, que partira do litoral em direção ao interior. Os sertões começam a ser povoados pelas primeiras famílias e passam a ser constituídas fazendas e currais, aldeias e arraiais, que darão origem a muitas das atuais cidades do interior da Paraíba.

#### O PAPEL DA IGREJA NA COLONIZAÇÃO

A colonização paraibana e ademais toda a colonização portuguesa no Brasil teve na Igreja Católica e em diversas ordens religiosas, um de seus principais e mais sólidos pilares. Conquistadores e religiosos



sempre estiveram juntos desde os primórdios da colonização, Igreja e Estado caminharam juntos na grande empresa que era a colonização. Isto naturalmente não significa dizer que não houve conflitos entre os interesses de religiosos, preocupados principalmente com a catequese dos índios, e dos colonizadores, mais interessados em ampliar suas riquezas ou obtê-las na nova terra. Catequizar, educar e produzir, transformando os índios e cristãos e súditos da Coroa portuguesa, estes eram objetivos das ordens religiosas que aqui estiveram.

A ordem dos carmelitas fundou às margens do rio Paraíba a aldeia de Nossa Senhora da Guia, organizou uma aldeia em Miriri e estendeu-se para o norte. Os monges beneditinos seguiram também para o norte e ocuparam Mamanguape. Papel destacado na colonização e catequese tiveram os membros da Companhia de Jesus, os jesuítas, que divulgaram a fé cristã, através da catequese dos índios e criaram colégios para educá-los junto com os colonizadores, a partir de 1748. A ação dos jesuítas, no entanto, levou-os a entrarem em conflito com o Ministro de Portugal na época, o Marquês de Pombal, que decretou sua expulsão da Paraíba em 1759.

As práticas religiosas de indígenas e colonizadores durante o período colonial foram acompanhadas pelo Tribunal do Santo Ofício, a Inquisição. No Brasil, nunca foi criado um tribunal da inquisição, mas durante o período colonial foram feitas várias visitas ao nosso território. Em 1591, cerca de dez anos após a conquista, chegou à Capitania da Paraíba, o visitador e membro da inquisição Heitor Furtado de Mendonça. O trecho abaixo, de Wellington Aguiar, deixa claro o papel dos visitadores da inquisição no Brasil:

"O Santo Ofício nunca estabeleceu oficialmente um Tribunal no Brasil, apesar do grande número de hereges e judeus que se encontravam na colônia. Contudo, agiu continuamente em terras brasileiras, através de seus visitadores, comissários, bispos e vigários locais. Os bispos tinham poderes para efetuar prisões, confiscar bens dos suspeitos e enviar os prisioneiros ou seus processos para a Inquisição de Lisboa, que tratava de todos os casos relativos ao Brasil" (Wellington Aguiar, A Paraíba nas malhas da Santa Inquisição, p. 75)

- Escola Estadual Severino Virgínia da Costa Esq.
- Rumo / Antaguirri = Bona Fúladi Esmendis da Costa.
- Disciplina = História da Paraíba.
- Professor Titular = Almeida da Silva
- Coordenadora = Genides da Câmara Fomato
- Data = 26/04/90.

- Plano de Aula -

Série	Conteúdo	Obj. Específicas	H/Aula	Procedimentos	Recursos	Avaliação	Bibliografia
1ª B	A mão de obra utilizada na Paraíba no século XVII.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mostrar o processo de povoação da capitania da Paraíba.</li> <li>• Analisar a situação da mão de obra na lavoura e na pecuária.</li> <li>• Descrever as condições de trabalho do índio e do escravo na Paraíba no século XVII.</li> </ul>	45 min	Aula expositiva dialogada	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mapa; quadro para a atividade.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Palavras cruzadas com o tema gerador: TRABALHO.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• OCTAVIO, José A. Paraíba, das Origens à Urbanização. Caderno de História. UFPB - FULNAPE, 1982.</li> </ul>

- Escola Estadual Cosme Veloso de Gama Belo
- Disciplina = História da Paraíba.
- Professor = Renato da Silva.
- Aluno / Coleteira = Karol Fúndez Fernandes do Costa.
- Orientadora = Aracelis da Câmara Pinato.
- Data = 29/01/26

- Plano de aula -

Tema	Conteúdo	Obj. Específico	H/Guia	Procedimentos	Recursos	Avaliação	Bibliografia
1.º B.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A propriedade na capitania da Paraíba no século XVII.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentar a estrutura fundiária da Paraíba no século XVII.</li> <li>• Discutir a forma de distribuição da terra nesta período, tendo em vista também as sesmarias.</li> </ul>	40 min	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aula expositiva dialogada</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Texto, quadro para giz, mapa, multimídia.</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• OCTAVIO, José. A Paraíba, das Origens à Urbanização. Edição Universitária, UFPB. FURAPE, 1983.</li> </ul>

- Coord. Geral: Acad. Virginia da Costa Neto
- Disciplina = História da Paraíba
- Professor = Penade da Silva
- Aluno / Assunto = Karla Fátima Fernandes da Costa
- Orientadora = Conceição da Pádua Penade
- Data = 29/09/96

- Plano de Aula -

Tema Conteúdo	Obj. Específicas	Método Procedimentos	Recursos	Avaliação	Bibliografia
196 - A Propriedade na Espetacularização da Paraíba no século XIX	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentar a estrutura fundiária da Paraíba no século XIX.</li> <li>• Descrever o processo de distribuição da terra.</li> </ul>	• Exatidão • Aula expositiva dialogada	• Texto, mapa, painel, quadro para giz.	• Painel para o aluno com o objetivo de avaliar o conhecimento da Propriedade no século XIX na Paraíba.	• OCTÁVIO, José. A Paraíba, das Origens à Urbanização. Editora Universitária, UFPB - FUMAPE, 1983.

- Escola Secundária António Virgínia de Lima Reis.
- Nome / Contactos = Escola Secundária Fernandes de Sá.
- Disciplina = História da Povoação
- Professor - Titular = Fernando da Silva
- Disciplina = História da Câmara Municipal.
- Data = 30.09.20

- Nome de aula -

Tema	Conteúdo	Obj. Específicos	Metodologias	Recursos	Avaliação	Bibliografia
1.º B	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A origem na período da República Portuguesa.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Repetir como na m. contraria a necessidade Paratibana no século XVI.</li> <li>• Descrever o papel dos ordens religiosos no século XVI na Paratibana</li> <li>• Analisar a criação de Tribunal de Inquirição na Paratibana no século XVI.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aula expositiva dialogada</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Texto para ler</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• OCTAVIO José A Faria. História da Organização do Trabalho Universitário UFPB. FUMAPE. 1983</li> </ul>

- Escola Estadual Senador Vergueiro da Barra Leste.
- Rua / Cantagalo = Rua Estadual Senador da Barra.
- Disciplina = História da Paraíba.
- Orientadora = Dóris da Câmara Fênix.
- Data = 30/09/96

- Nome da Aula -

Série	Conteúdo	Obj. Específicas	H/A	Parâmetros	Recursos	Avaliação	Bibliografia
1º B	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A Inquisição no período da Capitania da Paraíba.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Repetir como se encontrasse a noção de Fé no livro no século XV II</li> <li>• Mostrar o papel dos ordens religiosos no século XV II na Paraíba.</li> <li>• Análise da criação do Tribunal de Inquisição na Paraíba no século XV II.</li> </ul>	40 Min	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aula expositiva - dialogada.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Texto, quadro para quiz.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Palavras cruzadas com o Tema gerador:</li> </ul> <p align="center">I G R E J A</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Octávio José A. Borralho, das Ciências da Comunicação. Editora Universidade, UF-PB. COMAPE, 1993.</li> </ul>

- Conteúdo: História da República
- Livro: História da República
- Autor: História da República
- Orientadora: História da República
- Data: 03/05/96.

- Plano de Aula -

Vida	Conteúdo	Obj. Específicas	HAB.	Estratégias	Recursos	Avaliação	Bibliografia
1º B	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Análise da sociedade da República no período X do Império.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Analisar a utilização da mão-de-obra na lavoura e sua produção.</li> <li>• Descrever a forma de distribuição da terra neste período, tendo como exemplo os sesmarias.</li> <li>• Analisar a criação do Tribunal de Imprensa no período X do Império.</li> </ul>	45 min	Aula expositiva - dialogada.	• Texto quadro para giz.	• Aula de exercícios.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• OTAVIO JOSÉ. A História da República. Editora Universidade UFPA. FUNDOP, 1988.</li> </ul>